

---

# Expição, na terra ou no céu?: o conceito de expiação celestial em Hebreus

ISAAC MALHEIROS<sup>1</sup>

---

Este artigo fará, através de uma pesquisa bibliográfica, uma apresentação panorâmica da crescente tendência na pesquisa em Hebreus de ver a expiação efetuada por Cristo como algo que acontece no céu, mais especificamente, no santuário celestial (de maneira real, não metafórica). Para isso, será provido um breve histórico desse conceito de expiação, e os autores contemporâneos serão agrupados nos dois principais modelos conceituais de expiação no céu: o *Modelo 1* (a expiação começa na terra e termina no céu), e o *Modelo 2* (a expiação é efetuada totalmente no céu). Esta pesquisa revela que a ideia de uma expiação ocorrendo no céu, após a cruz, não é uma invenção recente, e seus argumentos, e os desdobramentos deles, merecem ser alvo de estudos ainda mais profundos.

**Palavras-chave:** Epístola aos Hebreus; Expição; Santuário celestial.

## Atonement, on earth or in heaven?: the concept of heavenly atonement in hebrews

.....  
<sup>1</sup> Doutorando em Teologia pela EST de São Leopoldo (RS) e bolsista da CAPES.  
E-mail: pr\_isaac@yahoo.com.

This article will, through a bibliographical research, give a panoramic presentation of the growing tendency in the research in Hebrews to see the atonement effected by Christ as something that happens in heaven, more specifically, in a real (non-metaphorical) heavenly sanctuary. For this, a brief history of this concept of atonement will be provided, and contemporary authors will be grouped into the two major conceptual models of “atonement in heaven”: Model 1 (atonement begins on earth and ends in heaven), and Model 2 (atonement is effected in heaven). This research reveals that the concept of an post-crucifixion atonement, occurring in heaven, is not a recent idea, and its arguments deserve further study.

**Keywords:** Epistle to the Hebrews; Atonement; Heavenly sanctuary.

## Introdução

74

O conceito bíblico-cristão de expiação é multifacetado, e foi exposto e explicado através de múltiplas metáforas e figuras: a oferta sacrificial, o conceito de substituição, o Servo sofredor, a redenção, o resgate etc. Ao longo da história do cristianismo, várias teorias tentaram sistematizar o conceito de expiação (as teorias do *Christus Victor*, da Substituição Penal, da Influência Moral, Governamental, da Recapitulação, dentre outras), mas não conseguiram abarcar todas as características de uma doutrina completa de expiação.

Um dos aspectos do debate em torno desse tema é: “a expiação foi completa na cruz?”, tema que ganhou novo fôlego com a publicação da tese de David Moffitt, em 2011, sobre a relação entre a ressurreição e o conceito de expiação em Hebreus 1 (MOFFITT, 2011, p. 257).

Como Moffitt (2011) localiza no céu a expiação feita por Cristo, e a maioria dos estudiosos de Hebreus reduz a expiação ao evento da crucificação na terra, sua publicação acendeu o debate, que ficou polarizado: ou Hebreus retrata uma sequência sacrificial que *começa* na cruz e *culmina* no céu, ou a oferta celestial de Hebreus é uma *metáfora* para a cruz (ou seja, ela ocorreu de fato na terra)<sup>2</sup>.

.....

<sup>2</sup> Esses polos e outras posições intermediárias foram abordados por Jamieson (2017, p. 338-368).



Este artigo fará, através de uma pesquisa bibliográfica, uma apresentação panorâmica de um desses polos: a crescente tendência na pesquisa em Hebreus de ver a expiação efetuada por Cristo como algo que acontece no santuário celestial. Para isso, será provido um breve histórico desse conceito de expiação, e os autores contemporâneos serão agrupados em dois modelos conceituais de expiação celestial: o *Modelo 1* (a expiação *começa* na terra e *termina* no céu), e o *Modelo 2* (a expiação é efetuada no céu).

Este artigo é fruto de uma reflexão provocada, principalmente, pelo debate entre dois autores contemporâneos, Moffitt (2011) e Kibbe (2014), cujas obras são fartamente mencionadas aqui. Além disso, a classificação e avaliação das diferentes posições conceituais feita neste artigo está apoiada no recente artigo de Jamieson (2017, p. 50), que mapeou as principais visões acadêmicas sobre o assunto.

Serão mantidas, até onde o espaço permitir, as citações diretas para que a posição de cada autor seja exposta em suas próprias palavras, pois questões semânticas estão envolvidas no debate. E todas as traduções das fontes primárias foram feitas pelo autor deste artigo. Ao final, será feita uma breve reflexão crítica das principais questões levantadas.

75

## Breve histórico do conceito de expiação celestial

Moffitt destacou diversas fontes patrísticas que defendem um ponto de vista parecido com o seu — o céu é o lugar de expiação. A ideia de que o sacrifício expiatório de Jesus foi uma realidade celestial pós-ressurreição é encontrada desde os primeiros séculos (MOFFITT, 2017, p. 54), em autores como Irineu de Lyon, c. 130-202 d.C.;<sup>3</sup> Hipólito de Roma, 180-230 d.C.;<sup>4</sup> Orígenes, 203-250 d.C.;<sup>5</sup> Gregório Nazianzeno, c. 329-389 d.C. (MOFFITT, 2017, p. 54); Teodoro de Mopsuéstia, 350-428 d.C. (MINGANA, 1933, p. 74, 78-83), Teo-

.....  
<sup>3</sup> Ver texto *Adversus Haereses*, Book 3, XIX. 3. Disponível em: <<https://bit.ly/2sO-tIy1>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

<sup>4</sup> Ver texto *Against the Heresy of One Noetus*, 4. Disponível em: <<https://bit.ly/2LHe8ua>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

<sup>5</sup> Ver Orígenes. **Homily** 1.3.2; 1.4.5-6; BARKLEY, Gary Wayne (trad.). *Origen - Homilies on Leviticus: 1-16*. The Fathers of the Church vol. 83. Washington: The Catholic University of America Press, 1990. p. 34, 36.

doreto de Ciro, 393-466 d.C. (HILL, 2001, p. 169, 172-173; 175), e Fócio de Constantinopla, c. 820-893 d.C. (MOFFITT, 2017, p. 54, nota 17). Kibbe também elaborou um breve histórico do debate, mas indo desde Fausto Socino<sup>6</sup>, no século 16, até Moffitt, em 2011 (KIBBE, 2014, p. 27-30).

A essência dessa visão pode ser encontrada nas palavras de Milligan, um teólogo reformado, do século 19:

É para a oferta de Cristo como um todo, portanto, [...] que devemos olhar para entender a plena eficácia de Sua obra expiatória. Sua morte, em si, era a preparação necessária para essa obra e não a obra em si. A oferta da morte devia ser completada pela oferta da vida, ou o que, na expressão expressiva que o escritor denota como “o sangue do Cristo” [...] (MILLIGAN, 1899, p. 152).<sup>7</sup>

76 Para Milligan, “não devemos imaginar que essa obra [expição] tenha sido realizada por Sua [de Cristo] vida na Terra, ou pela Sua morte” (MILLIGAN, 1917, p. 136). Ele adverte que uma falsa ideia da obra de Cristo é transmitida “quando dizemos que foi concluída na cruz e que Sua Glorificação foi apenas Sua recompensa, e a garantia de Sua aceitação” (MILLIGAN, 1917, p. 141).<sup>8</sup>

Com relação ao conceito de expiação de Hebreus, há algumas perguntas que vêm sendo historicamente feitas. Jesus entrou no santuário celestial *após* obter eterna redenção, ou entrou e, uma vez ali, então ob-

.....  
<sup>6</sup> Fausto Socino argumentou em 1578 que Cristo não realizou a expiação na cruz, mas ao oferecer a si mesmo no céu após a ressurreição.

<sup>7</sup> Com uma abordagem um pouco diferente (ele acreditava que a morte de Jesus em si já havia sido expiatória), Stephen Charnack é outro exemplo de teólogo reformado (séc. 17) que enfatizou o papel da intercessão celestial de Cristo na obra da salvação. Ver ORTLUND, Gavin. “The Voice of His Blood”: Christ’s Intercession in the Thought of Stephen Charnock. *Themelios*, v. 38, n. 3, (p. 375-389), 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2I-Q830W>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

<sup>8</sup> Milligan esclarece ainda que o “está consumado”, bradado por Cristo na cruz, refere-se à sua obra na terra, como o servo encarnado, submisso, tentado e sacrificado. Essa obra foi consumada, não a expiação (p. 141-142). É curioso observar que há um brado de “Feito está!” no santuário celestial também (Ap 16:17).



teve a eterna redenção (Hb 9:12)?<sup>9</sup> E a entrada de Jesus no santuário celestial é real ou apenas uma metáfora? Jamieson (2017) fez um levantamento sobre como os estudiosos correlacionam três variáveis — a morte de Jesus, a oferta e a entrada ao céu — e classificou as opiniões em cinco grupos:

1. A auto-oferta de Jesus *começa e termina* na cruz. Sua oferta terrena precede sua entrada no santuário celestial.
2. A auto-oferta de Jesus é um evento terrenal com *significado* celestial. Sua oferta é *metaforicamente descrita* como sua entrada no santuário celestial.
3. A auto-oferta de Jesus começa com sua morte e culmina em sua imediatamente posterior elevação *espiritual* ao santuário celestial.
4. A auto-oferta de Jesus começa com sua morte e culmina em sua entrada pós-ressurreição no santuário celestial.
5. Jesus se oferece na sua entrada pós-ressurreição no santuário celestial (JAMIESON, 2017, p. 343).

??

**Quadro 1:** As características de cada posição podem ser assim dispostas:

| Interpretação distintiva                                    | Posição 1 | Posição 2 | Posição 3 | Posição 4 | Posição 5 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| A auto-oferta de Jesus começa e termina na cruz             | Sim       | Sim       | Não       | Não       | Não       |
| A "entrada" de Jesus no céu descreve metaforicamente a cruz | Não       | Sim       | Não       | Não       | Não       |

.....  
<sup>9</sup> Em Hebreus 9:12, *heurámenós* poderia implicar que Jesus entrou no santuário celestial depois de ter obtido a redenção; na verdade, no entanto, o particípio aoristo pode indicar a ação subsequente, especialmente quando segue o verbo principal. Sobre isso, ver MOORE, Nicholas J. *Repetition in Hebrews: Plurality and Singularity in the Letter to the Hebrews, Its Ancient Context, and the Early Church*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 186.

|   |             |             |     |     |     |
|---|-------------|-------------|-----|-----|-----|
| A exaltação de Jesus é a sua ascensão espiritual, não a ressurreição corporal | Um ou outro | Um ou outro | Sim | Não | Não |
| Jesus se oferece no céu, não na cruz  | Não         | Não         | Não | Não | Sim |

Fonte: Jamieson (2017, p. 343):

Neste artigo, serão consideradas apenas as posições 4 e 5 (chamadas aqui, respectivamente, de *Modelo 1* e *Modelo 2*), que são as que caracterizam o santuário celestial como local de expiação. À pergunta “onde Jesus se ofereceu?”, as duas posições respondem: no santuário celestial (Hb 8:1-5; 9:11-14, 23-26). No entanto, a *Posição 5* (doravante *Modelo 2*) é mais estrita: a oferta de Jesus acontece tecnicamente *apenas* no céu, e não na cruz — a cruz seria o abate, o sacrifício que antecede a oferta.

Os dois modelos entendem o santuário celestial como a descrição de um lugar *real*, embora transcendente, onde Cristo entrou corporalmente e onde ele permanece até seu retorno. As interpretações metafóricas do santuário celestial em Hebreus são rejeitadas nesses modelos, pois o santuário celestial deve ser tão real como foi real a cruz onde a auto-oferta de Jesus começou (MACKIE, 2007, p. 159). O santuário celestial de Hebreus não é produto do idealismo platônico, mas do conceito de “templo escatológico do judaísmo apocalíptico, o templo que está no céu principalmente para que possa se manifestar na terra” (BARRETT, 1956, (p. 363-393), p. 388). Segundo Michel, “[o]s arquétipos celestiais têm existência real” e “esta não é uma metafísica helenística nem uma desvalorização gnóstica do mundano humano a favor de uma autenticidade espiritual” (MICHEL, 1966, p. 288).

Os dois modelos também veem a literatura apocalíptica judaica do tabernáculo celestial como o principal *background* conceitual do sacerdócio e santuário celestiais em Hebreus, em vez do pensamento helenístico platônico (JAMIESON, 2017, p. 350). Com esses conceitos básicos comuns aos dois modelos em mente, agora as diferenças entre eles serão apresentadas e avaliadas.

### Modelo 1: a expiação começa na terra e culmina no céu

Para os defensores desse modelo, a *oferta* expiatória de Jesus abrange tanto a sua morte quanto a sua entrada ao céu. O sacrifício de Jesus *não começa e termina na cruz*, mas começa na cruz e culmina no céu. Jesus se oferece na cruz e no céu, não somente na cruz, e não somente no céu. Um abate só será um sacrifício expiatório se o sangue for devidamente



apresentado a Deus, por isso, o que acontece após a morte da vítima é determinante (MOFFITT, 2011, p. 292). A morte de Cristo foi “um primeiro passo que estabeleceu as bases para sua efetiva expiação no santuário celestial” (NELSON, 2003, p. 255). Como expõe Guthrie: “o lugar de oferta de Cristo estava no céu [...]” (GUTHRIE, 2007, p. 1131-1222 e 1194).

Em Hebreus, de acordo com o *Modelo 1*, o fim da obra da redenção não foi a cruz, mas a entrada e apresentação do sangue de Cristo no santuário celestial: “A ação sacrificial do Deus-homem não se limitou ao momento em que a carne e o sangue estavam externamente separados na cruz. [...] O mesmo amor abnegado que realizou a obra do Calvário, ainda agita seu coração no céu [...]” (DELITZSCH, 1887, p. 89).

O correlato antitípico do abate da vítima foi realizado na cruz, mas o correlato antitípico da apresentação do sangue diante do propiciatório foi a apresentação celestial de Jesus, em seu corpo glorificado (que era um *corpo*, como o que sofreu), com seu próprio sangue glorificado (que também era idêntico ao que tinha sido derramado). Essa autoapresentação sacerdotal de Cristo é a “conclusão eterna e o selo de ratificação da obra da redenção” (DELITZSCH, 1887, p. 89).

Dessa forma, a obra de salvação de Jesus se dá “através da morte humana e ressurreição/exaltação” — a terra e o céu são identificados como lugares onde a expiação ocorre (JOHNSON, 2006, p. 71). Para Michel (1966, p. 293), essa conexão entre a cruz e a exaltação pode ser vista no fato do sumo sacerdote celestial ter que oferecer sacrifícios (Hb 8:3), pois Hebreus representa “a cruz e a exaltação no quadro cultural de uma ação sacerdotal”. Michel (1966, p. 293) afirma que o “sacrifício não é apenas um pré-requisito, mas também uma ação sacerdotal”, e que “Cristo não carregou sangue animal, mas seu próprio sangue para dentro do Santo dos santos” (MICHEL, 1966, p. 312).

Embora o autor de Hebreus retrate o ato sacrificial como começando na terra “ele leva o evento sacrificial adiante, estendendo seu alcance ao santuário celestial” (MACKIE, 2007, p. 95), e é no santuário celestial que “a apresentação sacerdotal de Cristo de ‘seu próprio sangue’ efetua seu sacrifício e assegura a ‘eterna redenção’ (9:11-14)” (MACKIE, 2007, p. 95). Para Cervera I Vallis (2009, p. 485), Hebreus 8:3 “[é] uma nova alusão à sua morte, lida como um sacrifício apresentado diretamente no céu diante de Deus”.

Em termos bem claros, segundo os defensores desse modelo, a “oferta expiatória de Jesus [...] foi apresentada no tabernáculo celestial, não no mundo terrestre (Hb 8: 2; 9: 1-28), o sangue que apresentou foi su-

perior (Hb 9:1-28) e, ao contrário da oferta do Antigo Testamento, apresentado de uma vez por todas (Hb 10: 1-18)” (GUTHRIE, 2014, p. 217).<sup>10</sup>

Ao fazer isso, Jesus preencheu o requisito geral da lei, para fazer expiação pelo pecado, de que um sacrifício deveria ser oferecido e o sangue deveria ser aspergido (CHESTER, 1991, p. 65). Para Delitzsch (1887, p. 290), o que o sumo sacerdote Jesus tem a oferecer *deve* ser oferecido no santuário celestial (Hb 8:3): “[...] nosso sumo sacerdote, para ser supremo sacerdote, e, como tal, o antítipo de Aarão, deve ter algo a oferecer, e [...] o lugar de tal oferta não pode ser terrestre, e, portanto, deve ser celestial”.<sup>11</sup> Segundo Guthrie, Hb 8:3-10:18 descreve a oferta de Cristo, e essa oferta “do sacerdote superior também é superior devido à sua localização celestial” (GUTHRIE, 1994, p. 106).<sup>12</sup>

Para Chester, Hebreus apresenta o “sumo sacerdote fazendo o sacrifício de si mesmo e apresentando seu próprio sangue a Deus dentro da realidade celestial” (CHESTER, 1991, p. 66), mais especificamente, no santuário celestial, verdadeiro, perfeito, “penetrando além do véu (6:19-20) na presença de Deus, como o sumo sacerdote perfeito que ofereceu o sacrifício perfeito”, e enfatiza que “este não é um argumento abstrato [...]” (CHESTER, 1991, p. 65).

No *Modelo 1*, os autores consultados não declaram radicalmente, como Nelson, que a cruz “não foi nem a totalidade do trabalho sacrificial de Jesus *nem mesmo o foco central*” (NELSON, 2003, p. 254),<sup>13</sup> mas todos afirmam, como Nelson, que a cruz foi “o primeiro componente em um roteiro sacrificial maior” (NELSON, 2003, p. 254), e que

80

.....  
<sup>10</sup> Guthrie afirma claramente que Jesus “[...] entrou no lugar sagrado celestial para apresentar sua oferenda superior” (p. 217), e repete, em outro lugar, que “[c]omo sacerdote superior, ele [Cristo] também apresenta a Deus uma oferta superior: uma relacionada com uma aliança melhor (8:3-13), que tem sua localização no reino celestial, o que implica a morte (isto é, ‘o sangue’) de Cristo em vez de meros animais, e isso foi feito de uma vez por todas (9:11-28)” (p. 404).

<sup>11</sup> Ver o argumento completo nas páginas 27 a 29 do texto de Delitzsch (1887).

<sup>12</sup> Guthrie expande esse argumento: “[...] um dos motivos pelos quais esse sacrifício é superior é o fato de ter sido realizado no verdadeiro tabernáculo, no céu (9.23,24), o tabernáculo escatológico no qual Jesus ministra agora como sumo sacerdote superior. Esse tabernáculo, de acordo com Hebreus, é o contexto apropriado para a oferta da nova aliança de Cristo, pois é ‘maior e mais perfeito’ que o tabernáculo terreno (9:11)” (GUTHRIE, 2007, p. 1191).

<sup>13</sup> Ênfase acrescentada pelo autor.



o santuário celestial é “o principal lugar da realização cultural de Jesus, sua oferta de sacrifício (1:3; 4:14; 6:19-20; 7:26; 8:1-2; 9:11-14, 23-8; 10:12-14, 19-21; 12:2-3, 24)” (MACKIE, 2011, p. 78).

Os proponentes do *Modelo 1* afirmam que Cristo *ressuscitou corporalmente*, e ascendeu *corporalmente* ao céu, e não como um *espírito desencarnado*.<sup>14</sup> Em outras palavras, a exaltação de Jesus não é uma ascensão espiritual, mas uma ressurreição (e uma subsequente ascensão) corporal. Embora, para muitos autores deste modelo, Hebreus apenas assuma<sup>15</sup> a ressurreição corporal de Cristo, e não argumente detalhadamente sobre ela.

A ascensão de Jesus não é uma experiência mística ou uma visão extática da presença divina, mas é “a entrada completa e ontológica do Jesus humano, através da sua ressurreição dentre os mortos e da sua exaltação à direita, no poder e glória que são próprios de Deus” (JOHNSON, 2006, p. 139). Por sua ressurreição e exaltação, “Jesus entrou no verdadeiro lugar sagrado, que é a presença do Deus eterno, com seu próprio sangue (9:12-14)” (JOHNSON, 2006, p. 50).

Em realidade, nesse modelo, “[a] vida, a morte e a ressurreição de Cristo fornecem a pedra de toque para entender o que já havia sido dito nas Escrituras” (KOESTER, 2001, p. 117). Para o autor de Hebreus, a ressurreição/exaltação de Jesus foi, ao mesmo tempo, “uma entrada na glória/presença de Deus, uma entronização real e um ato de grande *sacrifício sacerdotal*” (JOHNSON, 2006, p. 222).<sup>16</sup>

Os proponentes do *Modelo 1* tendem a afirmar que o auto-oferecimento de Cristo é uma *sequência unificada* que abrange a morte na terra, a ressurreição, a ascensão e a entrada no santuário celestial. De acordo com Mackie (2007, p. 95-96), por exemplo:

Esta concepção em série do ato sacrificial “de uma vez por todas” de Cristo segue o mesmo curso de eventos que o ritual de Yom Kippur (Levítico 16: 11-19). (1) A morte da vítima é

.....

<sup>14</sup> Talvez, a única exceção entre os autores consultados seja Nelson, mas sua posição não é muito clara. Sobre a posição de Nelson, ver Moffitt (2011, p. 21-22); e Jamieson (2017, p. 350).

<sup>15</sup> Koester (2001, p. 117; ênfase acrescentada; cf. p. 109, 411, 414-415) afirma assim a importância da ressurreição no argumento de Hebreus: “Hebreus *dá por certo* que Jesus ressuscitou dos mortos [...]”.

<sup>16</sup> Ênfase acrescentada pelo autor.



seguida por (2) a entrada do sacerdote no lugar santíssimo, (3) onde o sangue da vítima é apresentado e manipulado. Este padrão básico é aderido ao longo da epístola, pois o autor quase sempre menciona o sofrimento/morte e exaltação de Cristo no mesmo suspiro, evocando o céu e a terra em uma varredura (1:3; 2:9; 5:8-9; 7:27-28; 10:12-14, 20-21; 12:2, 24).

Nelson (2003, p. 254) afirma que “a cruz foi o primeiro componente em um roteiro sacrificial maior”. A morte voluntária de Jesus foi a primeira fase de uma ação sacerdotal que continuou em sua ascensão ao céu e sua entrada com sangue no santuário celestial (NELSON, 2003, p. 255). No entanto, é preciso destacar que, nesse modelo, a cruz não foi apenas uma preparação para a obra sacerdotal de Cristo no céu, mas um elemento de primordial importância nessa oferta de um sacrifício *multidisciplinar*, que inclui o sofrimento, a entrada, a oferta e o sacrifício, elementos vistos juntos em Hb 9:25-26 (NELSON, 2003, p. 255). No Modelo 1, a tentativa de colocar os eventos numa sequência adequada não é uma desvalorização da morte de Cristo na cruz.

A morte de Cristo e o derramamento de seu sangue relacionam-se a diversos aspectos do cerimonial levítico, como “o perdão, [...] a ratificação da nova aliança e [...] a remoção da impureza dos pecados do santuário celestial”, citado por DeSILVA (2006, p. 308). Levar o sangue é um ato necessário para a entrada de Cristo no santuário celestial (DeSILVA, 2000, p. 305), como ocorria no sacerdócio levítico, com a diferença de que agora essa entrada celestial é mais efetiva (DeSILVA, 2006, p. 307), pois “o melhor sangue, levado ao melhor santuário, produz melhores resultados” (DeSILVA, 2006, p. 305).<sup>17</sup>

A entrada no santuário celestial foi a *conclusão* do grande ato redentor, sem diminuir a importância fundamental da morte de Cristo:

A eterna redenção não tinha sido totalmente obtida antes da entrada do Senhor para o Pai, essa entrada sendo ela própria a conclusão do grande ato redentor. Tampouco é causado qualquer prejuízo para o significado supremo e fundamental da morte sacrificial do Senhor sobre a cruz, sem a qual essa entrada em seu santuário eterno teria sido impossível. Como a ressurreição dos

.....

<sup>17</sup> Nesse texto, cf. p. 313.



mortos era a confirmação divina da obra da expiação, então a entrada do Ressuscitado na presença do Pai conferia a essa obra sua eterna validade para nós (DELITZSCH, 1887, p. 82).

Nesse modelo, a entrada no santuário celestial com sangue é, em si, um ato litúrgico, o objetivo da ascensão, como afirma Nelson (2003, p. 256): “Isso também é um *ato litúrgico*, um componente de seu sacrifício”. Os proponentes desse modelo, em geral, relacionam a entrada de Jesus no céu com a inauguração da aliança e os ritos efetivos do Dia da Expição, “ambos vistos aqui como envolvendo a aplicação do sangue ao povo e a aplicação do sangue ao santuário” (DeSILVA, 2006, p. 308). Para eles, é a liturgia do Dia da Expição que torna possível “atribuir um significado expiatório à morte de Jesus e sua ascensão ao céu” (DeSILVA, 2006, p. 311). Quando vista através de Levítico 16 e Êxodo 24, a ascensão de Jesus ao céu “torna-se um ato litúrgico de significado incomparável” (DeSILVA, 2006, p. 309).

De maneira mais específica, os defensores do *Modelo 1* acreditam que Hebreus relaciona a missão de Cristo especialmente aos aspectos sacrificiais do Dia da Expição: o abate e manipulação do sangue do interior do santuário correspondem à morte na cruz e à entrada no santuário celestial. O autor de Hebreus teria organizado a cerimônia do Dia da Expição no céu, onde é celebrada pelo grande sacerdote Jesus e seu próprio sangue expiatório — uma singularidade de Hebreus de “associar a figura do grande sacerdote a Jesus Cristo morto e ressuscitado” (CERVERA I VALLIS, 2009, p. 479).

Alguns autores acham que, para o autor de Hebreus, Jesus realmente levou sangue para o santuário celestial (PURSIFUL, 1993, p. 70). Delitzsch (1887, p. 88), por exemplo, parece defender uma literalidade do sangue:

Não parece haver uma boa razão para supor que o corpo glorificado do Senhor seja, portanto, sem sangue. Se possuído de carne e ossos (Lc 24:39), [...] por que não deveria conter sangue sem perder seu caráter espiritual (pneumático)? Além disso, se o glorificado nos dá Sua carne para comer e o Seu sangue para beber, não podemos, sem evasões exegéticas, negar a carne e o sangue à Sua humanidade glorificada.

Assim, de acordo com Delitzsch (1887, p. 88), a oferta que Cristo deveria fazer como sumo sacerdote era a oferta do “seu próprio sangue” e “de si mesmo”, a oferta de Hebreus 8:3; 9:12 e 25:

Mais uma vez, a suposição de que nosso Senhor apresentou no céu seu sangue sagrado separado de sua própria



personalidade, é certamente contra o teor dessa epístola. O *prosferein* do capítulo 8:3 torna-se o *prosferein to hidion haima* do capítulo 9:12, e isso novamente é explicado e definido pelo *prosferein heautón* do capítulo 9:25.

Outros autores enfatizam que o ponto principal é a entrada por meio do sangue, e preferem manter silêncio a respeito da literalidade do sangue (NELSON, 2003, p. 256; MACKIE, 2007, p. 159, 167, 181-182). Mas em qualquer versão do *Modelo 1*, com sangue literal ou não, a entrada de Jesus no Santo dos Santos celestiais é a *consumação* da sequência sacrificial que *começou* na cruz, mas cuja oferta se efetua mesmo é no céu.

Uma grande diferença entre o *Modelo 1* e o *Modelo 2* (que será avaliado mais detalhadamente abaixo) é que o *Modelo 1* admite ver Cristo se oferecendo na cruz, na terra, tanto como o sumo sacerdote quanto como a vítima (CODY, 1960, p. 174; KOESTER, 2001, p. 440; MACKIE, 2007, p. 169; NELSON, 2003, p. 255), sendo o Calvário o seu altar (MOORE, 2015, p. 218-219) sacrificial. No *Modelo 2*, Cristo só se oferece (e, portanto, só é sumo sacerdote) no céu.

No *Modelo 1*, Cristo já é sumo sacerdote na terra, e isso pode ser entendido de três maneiras: 1) Jesus já era sumo sacerdote durante sua *carreira terrena* (CODY, 1960, p. 107, 177); 2) Jesus tornou-se sacerdote ao se oferecer *na cruz* (MACKIE, 2007, p. 213-214); e 3) Jesus apenas *atuou como sacerdote* na terra, mas foi *confirmado* no cargo sacerdotal em sua exaltação celestial (CORTEZ, 2008, p. 317-322). Porém, nas três versões do *Modelo 1*, Jesus é visto como sumo sacerdote se oferecendo *na cruz*, e sua entrada no santuário celestial é a apresentação e a conclusão de sua oferta.

## Modelo 2: a expiação só acontece no céu

No segundo modelo, Jesus também se oferece no santuário celestial,<sup>18</sup> mas somente *após* a sua ressurreição, e não na cruz. Nesse modelo,

.....

<sup>18</sup> Calaway afirma que Hebreus discute “atividades sacrificais celestiais de Jesus (9:7-14, 23-28; 10:1-18)” (p. 28), e que “[...] ‘hoje’ Jesus entrou no reino celestial, aspergiu seu próprio sangue no altar e foi entronizado ao lado de Deus, assegurando a ‘eterna redenção’ (Hb 9:11-12)” (p. 76). Segundo ele, um sacerdócio eterno “exige um tipo especial de sacrifício que aperfeiçoe de uma maneira que as ofertas levíticas não puderam” (p. 155), esse sacrifício especial “ocorre no santo dos santos celestial, sendo essa localização necessária para sua eficácia” (p. 156), e, como resultado, “[o] singular sacerdote da ordem eter-



a cruz não é o tempo e nem o lugar da oferta sacerdotal de Jesus, nem da expiação, que só ocorrem na sua entrada pós-ressurreição no santuário celestial. Como afirma Barrett, “[a] redenção eterna já foi forjada [...], mas aguarda completa aplicação e cumprimento” (BARRETT, 1956, p. 386).<sup>19</sup> O abate da vítima sacrificial (a cruz) é importante, mas o ritual de aplicação do sangue “é o passo mais importante” (VIS, 2012, p. 258). A morte da vítima sacrificial sem a posterior manipulação do sangue não oferece expiação (MOFFITT, 2011, p. 293).

De acordo com o *Modelo 2*, Hebreus apresenta Jesus “como um sumo sacerdote (2:17-3:1; 4:14-5:10) que entra no santuário celestial (8:2; 9:11-12; 9:24) e oferece o único sacrifício de seu próprio sangue (7:27; 9:11; 9:26; 10:10), obtendo assim redenção eterna (9:12; 9:27-28)” (HABER, 2005, p. 112). Assim como o sumo sacerdote levítico fazia a oferta de sangue no santuário, o sumo sacerdote Cristo também faz uma oferta de sangue num santuário celestial, o arquétipo do tabernáculo terrestre (Hb 8:2-3; 9:11-12), pois “[...] em ambos os sacrifícios [terrestre e celestial], o sangue é o agente da expiação [...]” (HABER, 2005, p. 117). Portanto, o lugar do sacrifício de Cristo é o próprio céu, onde ele como o sumo sacerdote levítico, executa seu ritual de expiação em *tá hágia* (santuário) (HABER, 2005, p. 117).

Como a maioria dos autores dos *Modelos 1 e 2* acredita que Hebreus está usando o Dia da Expiação como moldura tipológica,<sup>20</sup> isso também é usado como argumento para localizar o sacrifício no santuário celestial: no Dia da Expiação, a expiação se completava quando o sumo sacerdote aspergia o sangue do sacrifício no propiciatório e não no momento em que o animal era abatido. Da mesma forma, “Cristo obteve expiação não apenas em sua morte na cruz, mas quando apresentou sua oferta no trono celestial” (BARNARD, 2012, p. 134).

O *Modelo 2* baseia-se muito na afirmação de Hebreus de que os sumos sacerdotes são nomeados *para* oferecer sacrifício (Hb 8:3). O raciocínio é simples: se para ser sacerdote Jesus tem que oferecer algo no santuário celestial, ele se oferece apenas *após* a sua ressurreição e ascensão:

---

na promulgou um único, e de uma vez por todas, sacrifício de si mesmo no lugar sagrado celestial” (p. 156) (CALAWAY, Jared C. *The Sabbath and the Sanctuary: Access to God in the Letter to the Hebrews and its Priestly Context*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013).

<sup>19</sup> Ver p. 365 e 384.

<sup>20</sup> Como resume Calaway (2013, p. 28): “As ações ritualizadas de Jesus como sumo sacerdote e vítima do sacrifício no santo dos santos celestial é uma versão celestial do Dia da Expiação”.



A Carta aos Hebreus afirma a importância da manipulação do sangue para purgação e purificação. Não era suficiente para Jesus morrer na cruz. Ele precisava ser ressuscitado e ascender ao céu para oferecer seu sangue no santuário celestial. Essa oferta de sangue no santuário celestial leva à purificação dos crentes (e à purificação do santuário celestial) (VIS, 2012, p. 257).

Vis (2012, p. 269) lamenta que muitos estudiosos de Hebreus dão “um significado simbólico para a oferta de sangue de Jesus no santuário celestial ou a igualam à sua morte na cruz”. Davies (1965, p. 386-387) acha que restringir a tipologia sacrificial e ritualística ao Calvário é uma simplificação excessiva, pelos seguintes motivos, dentre outros: nos textos onde a morte de Cristo é o sujeito (Hb 2:9-14; 5:7-10; 6:6; 9:15; 12:2; 13:11-13), o verbo *prosfêrō* (“eu ofereço”) e semelhantes não aparecem;<sup>21</sup> e a entrada de Jesus no céu é descrita como *prosfêrō*, como se fosse o evento crítico, em vez de sua morte (Hb 9:7, 25).<sup>22</sup>

86

A morte de Jesus na cruz, enquanto necessária, não era a totalidade do ato sacrificial: “Foi, inclusive, *principalmente*, através da apresentação de seu sangue que Jesus obteve a redenção eterna. Isso está bem de acordo com o procedimento sacrificial em Levítico” (VIS, 2012, p. 264). A morte de Cristo não efetuou expiação, mas foi o início de um processo que *culmina* no momento expiatório no céu (MOFFITT, 2011, p. 293).

Além disso, a oferta de Cristo no *Modelo 2*, em sentido amplo, pode incluir sua vida (Hb 9:26; 10:19), suas tentações e sofrimentos (Hb 2:17; 4:15), sua ressurreição, ascensão e entrada com sangue no santuário celestial (Hb 9:12, 14, cf. 10:19). Tudo isso sugere que a entrada com o sangue é considerada *parte* da oferta, quando essa oferta é vista num sentido mais amplo. O problema é que os autores geralmente não indicam claramente quando estão falando na oferta em sentido amplo e quando estão falando em sentido estrito.

.....  
<sup>21</sup> Exceto por *eiféretai*, em Hebreus 13:11, que, no entanto, não se refere à morte de Jesus, mas para à entrada no santuário com o sangue dos animais.

<sup>22</sup> Em Hebreus 13:11-13, a morte de Jesus corresponde à queima dos corpos dos animais fora do acampamento, mas a santificação das pessoas pelo seu sangue (a obra da redenção) corresponde ao ato de trazer o sangue (*eiféretai*) para o santuário.



Mason (2008. p. 35) descreve a crucificação de Jesus como “um *componente de seu próprio sacrifício*, um evento no ambiente terrestre que permitiu sua entrada no santuário celestial com seu sangue”,<sup>23</sup> e afirma que “o ato de sacrifício de Jesus inclui sua apresentação do sangue de seu sacrifício para sua entrada no santuário celestial” (MASON, 2008, p. 39).

Por isso, em sentido amplo, Davies (1968, p. 387) afirma que o autor de Hebreus entende a oferta de Cristo como “sua vida, morte e entrada no céu; e que a resposta de Deus a isso é investir com o sacerdócio de Melquisedeque. A oblação é, portanto, o fundamento do ministério de intercessão de Cristo”.

Em sentido estrito, porém, os autores destacam a distinção entre a morte da vítima sacrificial e a aplicação do sangue da vítima sacrificial, e denunciam o erro dos estudiosos de Hebreus que condensam a totalidade do sacrifício de Jesus em sua morte na cruz:

Enquanto o abate da vítima sacrificial é necessário, é apenas um ato de oferta sacrificial, e *certamente não é o ato mais importante* de acordo com Levítico ou Hebreus. Como é o caso em Levítico 4:1-5:13 e Levítico 16, a purificação sacrificial em Hebreus também é um processo em dois estágios (VIS, 2012, p. 14).<sup>24</sup>

87

De fato, dentro do *Modelo 2* existem duas opiniões sobre o aspecto expiatório da morte de Jesus em Hebreus: alguns rejeitam a atribuição de qualquer caráter expiatório à cruz em si (mesmo quando falam da oferta em sentido amplo), enquanto outros reconhecem algum aspecto expiatório na morte de Cristo em si.

Por exemplo, rejeitando o caráter expiatório da morte de Jesus, Brooks (1970. p. 210) argumenta: “À luz do livro de Levítico, é inconcebível como o autor [de Hebreus] poderia pensar que a morte expiava”, pois,

.....  
<sup>23</sup> Ênfase acrescentada pelo autor.

<sup>24</sup> Ênfase acrescentada. Vis divide o processo em 4 passos: 1) a apresentação do animal, que é equiparada à obediência de Jesus até a cruz; 2) a morte de Jesus na cruz, equivalente ao abate do animal sacrificado; 3) a oferta do sangue de Jesus no santuário celestial, que coincide com a manipulação do sangue do animal no santuário terrestre (para Vis, é o ato mais importante); e 4) a queima ou a ingestão do animal sacrificado, que corresponde à celebração da Ceia do Senhor (p. 258).



Uma vez que o ofício sacerdotal de Jesus baseia-se em uma vida que não pode terminar e é exercida no tabernáculo celestial, é inconcebível que seu sacrifício tenha sido oferecido antes da experiência da ressurreição. Pois até então ele não era um sacerdote, mas agora ele é sacerdote para sempre e seu sacrifício deve corresponder a este sacerdócio (BROOKS, 1970, p. 208).

Brooks (1970, p. 209) explica que, no ritual levítico, a ênfase não estava na imolação da vítima, mas na posterior manipulação do sangue, na queima, e no ato de comer a carne sacrificada. Por isso, Brooks afirma radicalmente: “A ideia de que a morte das vítimas era o centro do sacrifício é simplesmente falsa”.

Moffitt (2011, p. 290) também faz declarações fortes, como essas: “A morte de Jesus *resultou* na obtenção da redenção, [...] mas [...] o abate não é por si só suficiente, nem é o centro da expiação”.<sup>25</sup> E ainda afirma que a “morte sacrificial não é o ponto em que a expiação é obtida. A apresentação do sangue é o *meio* de expiação. A manipulação do sangue/vida é o centro do processo” (MOFFITT, 2011, p. 292).

Os defensores do *Modelo 2* entendem que Hebreus 8:4 está dizendo que Jesus não poderia servir como sacerdote na terra: “Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto já existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei”. Nessa leitura, o ministério sacerdotal de Jesus está localizado no céu, depois de sua vida e morte na terra, e Jesus *não* era um sacerdote na terra (MOFFITT, 2011, p. 198).

Para Eskola (2015, p. 226), o autor de Hebreus acredita que o lugar de expiação (*hilastērion*) é o trono celestial de Deus, um “lugar de misericórdia” (Hb 4:16; 9:5, cf. Lv 16:2-14), e “Cristo fará expiação diante do trono da glória no templo eterno nos céus” (ESKOLA, 2015, p. 390). Mason (2008, p. 194) localiza a oferta no santuário celestial ao afirmar que Jesus “fez uma expiação final, uma vez por todas, no santuário real e celestial (Hb 9:1-14)”.<sup>26</sup> E, ao comparar o sacerdócio de Cristo com o dos sacerdotes de Israel, Mason (2008, p. 195) afirma que Jesus “oferece um sacrifício superior ao deles em um santuá-

.....  
<sup>25</sup> Ênfase acrescentada pelo autor.

<sup>26</sup> Ver MASON, Eric. “Sit at My Right Hand”: Enthronement and the Heavenly Sanctuary in Hebrews. In: MASON, Eric F.; BAUTCH, Kelley C.; HARKINS, Angela K.; MACHIELA, Daniel A. (eds.). *A Teacher for All Generations: Essays in Honor of James C. VanderKam*. Leiden: Brill, 2012. (p. 901-916). p. 915-916.



rio maior que o deles (9:11-10:28)”. E, para Jody Barnard (2012, p. 116), Jesus entrou no santuário celestial, com seu próprio sangue, “para fazer expiação no trono de Deus (Hb 1: 3; 6: 19-20; 9: 11-12, 23-26; 10: 19-20)”<sup>27</sup>

Por outro lado, no entanto, a maioria dos autores do *Modelo 2*, avaliados neste artigo, vê a morte de Jesus como um ato sacrificial, ainda que ela não seja a oferta expiatória em si (uma opinião que se aproxima do *Modelo 1*).

A localização celestial da oferta de Jesus, no entanto, *não significa que a morte de Jesus na Terra não é sacrificial*. Em vez disso, [...] assim como o sacrifício do Dia da Expição envolveu um processo que incluiu abate e aplicação de sangue, Hebreus também descreve o sacrifício de Cristo como um processo que inclui sua morte como vítima na terra, entrada no santuário celestial através de sua ascensão, e apresentação da oferta no Santo dos Santos celestial. Assim, enquanto o sacrifício de Cristo começa na terra, ele não age como sacerdote até que ele esteja na região celestial, onde seu ato sacerdotal de sacrifício inclui a apresentação de si mesmo como uma oferta (RIBBENS, 2013, p. 145).<sup>28</sup>

89

Até mesmo Moffitt (2011, p. 294) reconhece que a morte de Jesus é “redentiva” e “sacrificial” em alguma medida, pois é parte de sua obra sacrificial,<sup>29</sup> mas esclarece que a morte de Jesus “não é confundida pelo escritor com o momento em que a expiação é obtida”.<sup>30</sup>

No entanto, estritamente falando, o *Modelo 2* localiza consistentemente a oferta sacerdotal de Jesus no santuário celestial, um evento claramente distinto da morte de Jesus na terra. Percebe-se aqui uma confusão no uso de algumas palavras. Os autores falam de “sacrifício” e “oferta” às vezes como sinônimos, e às vezes dão a entender que o sacrifício é parte de uma oferta. Mas uma coisa ficou clara: no *Modelo 2*, a expiação não é obtida com a morte de Jesus na cruz, mas com a aplicação do sangue no santuário celestial.

.....

<sup>27</sup> Ver p. 6, 92.

<sup>28</sup> Ênfase acrescentada pelo autor.

<sup>29</sup> Em Hebreus, o “sacrifício” (*thysía*, 9:26) e o ato de ofertar ou “oferecer” (*prosférō*, 9:28) podem ser referências resumidas ao ato de salvação de Cristo, incorporando sua morte, ressurreição e ascensão (RIBBENS, 2013, p. 179).

<sup>30</sup> Ver p. 289-290.

Como no *Modelo 1*, a *ressurreição corporal* de Jesus em Hebreus é afirmada ou pressuposta no *Modelo 2*. Quem melhor argumentou a favor da importância da ressurreição em Hebreus foi David Moffitt, em sua obra *Atonement and the Logic of Resurrection in the Epistle to the Hebrews*, publicada em 2011.

Nela, Moffitt (2011) nega que a ressurreição de Jesus não tem importância para o argumento de Hebreus, e nega que a ressurreição de Jesus foi fundida com a sua exaltação no céu (como se fossem a mesma coisa). Também defende que a ressurreição de Jesus está no centro da teologia de Hebreus, pois Hebreus apresenta a oferta de Jesus como acontecendo no céu, e não na Terra (Hb 9:11-12, 23-25). Era *necessário* que Jesus ressuscitasse, subisse ao céu, e entrasse no santuário celestial para ali apresentar a sua oferta expiatória. Resumidamente, para Moffitt (2011, p. 220-229), a expiação, em sentido estrito, é realizada através da auto-oferta de Jesus no santuário celestial após a ascensão em seu corpo ressurreto.

Em 2006, Gäbel já argumentava que Cristo só serviu como sumo sacerdote quando exaltado ao santuário celestial,<sup>31</sup> e, antecipando-se à conclusão de Moffitt (2011) de que Jesus não ofereceu seu sacrifício na cruz, mas no santuário celestial, afirma:

[...] uma obra sacerdotal e cultual de Cristo na Terra não está em vista em Hebreus. Portanto, de acordo com Hebreus, o sacrifício único de Cristo não deve ser visto em seu sofrimento terrenal e morte. Isto é visto especialmente na declaração sobre o sacrifício em [Hb] 8:3 (GÄBEL, 2006 p. 249).

Gäbel (2006) ressalta que, ao contrário de outras fontes judaicas bíblicas ou do Segundo Templo, Hebreus descreve a manipulação do sangue pelo sumo sacerdote no Lugar Santíssimo como um ato de “oferta” (“[...] não sem sangue, que oferece [*proférei*] por si e pelos pecados de ignorância do povo”, 9:7) (GÄBEL, 2006, p. 277). Essa leitura é apoiada pela comparação de Hebreus 9:11-14 com 9:23-26. Nos dois textos, Hebreus atribui o mesmo objetivo à

.....

<sup>31</sup> Ver Georg Gäbel, 2006. p. 3-16, 159-161, 200-201, 236-254, 279-310, 472-483.



entrada no tabernáculo: fazer a oferta. E Hebreus 9:24-25 pressupõe a entrada de Jesus no santuário celestial para se oferecer ali:

Porque Cristo não *entrou* em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém [entrou] no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus; nem ainda [entrou] para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio (Hb 9:24-25).

A expressão “para se oferecer” (*hína [...] prosfére heauton [...] v. 25*) está vinculada ao verbo “entrar” (*eisélthen*, “ele entrou”) do verso 24 (GÄBEL, 2006, p. 298-299).

Em suma, o *Modelo 2* não considera o sacrifício de Cristo como completo na cruz, e vê a morte de Cristo *iniciando* a sequência sacrificial, mas é somente no santuário celestial que Cristo oferece seu sacrifício de sangue a Deus.

Moffitt (2011) se refere ao *midrash* de Deuteronomio (Sifré 128-129),<sup>32</sup> onde existem orientações a respeito do sacrifício da Páscoa, e estaca que o abate da vítima deve ser feito com vista a um processo maior, que envolve, especialmente, a manipulação do sangue. Assim, tanto *o abate* como *a aspersão de sangue* são indispensáveis para um sacrifício expiatório (MOFFITT, 2011, p. 270, nota 125). O abate do cordeiro sem a aspersão do sangue seria apenas um abate, e não cumpriria a Páscoa.

Em sua crítica à tese de Moffitt (2011), Moret (2016) sugere que o ato do sumo sacerdote interceder no Lugar Santíssimo (no Dia da Expição) pode ser perfeitamente separado do ato de oferecer sacrifício a Deus. Porém, era a aspersão do sangue no propiciatório que possibilitava a intercessão do sumo sacerdote pelo povo no Dia da Expição. A intercessão e a aspersão do sangue são dois atos sacerdotais que permanecem unidos no Dia da Expição (MOFFITT, 2016. p. 309, nota 2).

O autor de Hebreus narra um processo para a oferta sacrificial de Jesus, enfatizando a oferta do sangue de Jesus no santuário celestial como o momento crucial. Ao confundirem esse *processo* inteiro

.....

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2JhJ0nG>>. Acesso em 04 jan 2017.

com o evento histórico singular da morte de Jesus na cruz, muitos estudiosos de Hebreus perdem os princípios fundamentais do procedimento sacrificial em Levítico. A morte é uma parte necessária do processo sacrificial, mas é a aplicação de sangue, que contém [vida] que purga (VIS, 2012, p. 259).

A *regra do sangue* é essencial para o *Modelo 2*: “Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida” (Lv 17:11). Nesse texto, o sangue não é meramente um *símbolo* para a vida, mas o sangue é a vida, o material que tem vida, tudo isso pertence a Deus, e é por isso que todo o sangue/vida é dado a Deus (MOFFITT, 2016, p. 308, nota 2).

Além disso, esse texto não identifica o abate do animal como o principal momento de expiação, pois a vida não é dada em *oferta* quando o animal é abatido. Esta conclusão é clara pelo fato de que a expiação é feita “no altar”, mas os animais não eram mortos necessariamente sobre o altar. Em outras palavras, a manipulação do sangue é tão (ou até mais) importante quanto a morte do animal.

Na oferta pelo pecado, a eliminação do pecado é feita por aplicação de sangue, o que significa a aplicação da vida inocente (Lv 17:11) (WILLI-PLEIN, 2005, p. 33). Por isso, o grande objetivo do abate de um animal era obter o sangue inocente, que era uma vida inocente, pertencente a Deus. Dessa forma, a oferta pelo pecado não era um ato de violência, nem uma matança expiatória, e, provavelmente, nem mesmo um presente para Deus, pois aquela vida sempre pertenceu a Deus. Pelo contrário, era a apresentação do sangue/vida, “um ato que foi autorizado [...] pelo próprio Deus para remover as contaminações do pecado” (WILLI-PLEIN, 2005, p. 33).

Em última instância, a *regra do sangue* significa que Jesus não entrou no santuário celestial pela morte, nem mesmo pelo auto-sacrifício, “mas por trazer a vida incontaminada no santuário — sua própria vida após seu próprio sofrimento inocente” (WILLI-PLEIN, 2005, p. 33-34).

O *Modelo 2* pode, em princípio, até tratar a “oferta” num sentido amplo como uma categoria inclusiva, que inclui e (unifica num *processo*) a morte de Jesus como vítima, a ressurreição, a ascensão e a autoapresentação no tabernáculo celestial (que seria sua oferta no sentido estrito). Mas, baseado na *regra do sangue*, o *Modelo 2* argu-

menta que Hebreus localiza o supremo ato de sacerdócio de Cristo exclusivamente *no santuário celestial*.

## Considerações finais

Os *Modelos 1 e 2* parecem ser muito semelhantes, e a diferença entre eles apenas vem à tona nas afirmações mais ousadas dos proponentes do *Modelo 2* de que a oferta expiatória de Cristo é feita *exclusivamente* no santuário celestial. Os dois modelos têm muito em comum, nas virtudes e nos defeitos.

Os modelos de expiação celestial têm a virtude de usar mais acuradamente o cerimonial sacrificial do Antigo Testamento (especialmente o encontrado em Levítico), como a moldura tipológica de Hebreus. Há neles uma maior atenção aos detalhes, à sequência cronológica dos rituais, às palavras e expressões utilizadas na LXX para descrever tais rituais. Assim, os *Modelos 1 e 2* mantêm uma unidade e continuidade entre o Antigo e o Novo Testamento.

Esses modelos também desafiam a visão geralmente aceita entre os acadêmicos de que Hebreus deve ser interpretado metaforicamente no contexto da cosmologia dualista/platônica de Fílon. Baseados em sólidos estudos, como a tese de Ronald Williamson (1970), concluem que Hebreus tem uma relação muito mais estreita com o Antigo Testamento e com textos apocalípticos judaicos do que com o judaísmo helenístico platônico (MOFFITT, 2012, p. 3), e que Hebreus assume um santuário literal *dentro do céu*.

A recente ascensão dos *Modelos 1 e 2* têm levado os estudiosos a discutirem, de maneira mais explícita, opiniões e posições que até então eram apenas assumidas, tomadas como certas, e não claramente argumentadas. A questão da ressurreição em Hebreus, e até mesmo na soteriologia cristã, ganhou novo fôlego. Os antigos argumentos das outras posições (de expiação na cruz) estão sendo revisitados, e esse é um dos efeitos positivos da crescente atenção dada aos *Modelos 1 e 2*.

Os *Modelos 1 e 2*, como as outras teorias de expiação, não conseguem abarcar todas as características do multifacetado conceito bíblico de expiação (o que é justificável, já que são modelos baseados em pesquisas feitas principalmente em Hebreus). No entanto, é preciso reconhecer que, ao destacar a importância da aplicação do sangue, os *Mo-*

*delos 1 e 2* não desprezam a importância da morte de Cristo. Mesmo no *Modelo 2*, a morte de Jesus não é apenas a preparação para oferecer o seu sacrifício no santuário celestial (onde a palavra “apenas” tenha um sentido de desprezo e não de singularidade), mas é o grande evento que inaugura a nova aliança e garante a entrada de Cristo como sumo sacerdote no santuário celestial.

Kibbe (2014) tenta equilibrar a questão, destacando alguns textos em Hebreus que podem dar à morte de Jesus na terra um papel performativo na expiação, como Hebreus 2:14 (que afirma que Jesus derrotou o diabo “através da morte” [*diá tou thanátou*]), que é uma indicação de que “Hebreus vê o trabalho de expiação de Cristo como um todo unificado, de modo que uma referência a uma única fase (neste caso, a morte) pode representar o todo” (KIBBE, 2014, p. 31).

Segundo Kibbe (2014), outro texto que parece fundir os momentos expiatórios (terrestre e celestial) é Hebreus 9:12-15, onde o Autor afirma que Jesus entrou no santuário celestial pelo (*diá*) seu próprio sangue tendo obtido (*heurámenos*) eterna redenção, e Hebreus 9:15 afirma que houve uma “morte para remissão [*thanátou genoménu eis apotytrōsin*] das transgressões” (KIBBE, 2014, p. 32). Em suma, há uma tensão entre os textos que sugere que Hebreus vê o ato de expiação sacerdotal de Cristo como *primordialmente*, se não *exclusivamente*, no santuário celestial após a ressurreição (o que torna a morte de Cristo uma *preparação*) e os textos que sugerem que a morte de Jesus foi *performativa* em vez de meramente *preparatória* (especialmente Hb 2:14-18 e 9:11-22). Kibbe (2014, p. 45) sugere que, no mínimo, essa tensão justifica uma discussão mais profundada do tema.

Como destacou Kibbe (2014), a discussão tem sido desnecessariamente polarizada numa visão do tipo “ou isso ou aquilo”, e a solução deve passar pelo reconhecimento de que Hebreus: 1) pode apresentar a expiação como um *processo*;<sup>33</sup> e 2) mistura vários rituais do culto do Antigo Testamento além do Dia da Expiação. As alusões ao Dia da Ex-

.....

<sup>33</sup> “A maneira mais coerente de juntar esses textos [que falam da expiação na terra e no céu] é ver o sacrifício de Cristo como um processo que abrange os céus e a terra. [...] O sacrifício é um processo. [...] Cristo morre na Terra como vítima sacrificial. Ele então ressuscita dos mortos e ascende ao céu, onde é feito sumo sacerdote. [...] Nesta visão, a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo são mantidas unidas como parte de seu ato de sacrifício singular” (RIBBENS, 2013, p.178-179).



pição são importantes, mas Hebreus relaciona a obra de Cristo com os rituais de purificação, os sacrifícios diários e a cerimônia de inauguração da aliança — e, às vezes, tudo ao mesmo tempo (KIBBE, 2014, p. 45). É importante destacar isso, especialmente diante da tendência generalizada de vincular a obra sacrificial e sacerdotal de Cristo *exclusivamente* ao Dia da Expição.

O processo expiatório é um todo unificado, há uma continuidade entre o sofrimento e a exaltação na história da salvação (Hb 5:7-10). Numa nota de rodapé a respeito de um comentário sobre Hebreus 9:23-24, Guthrie (2014, p. 401, nota 17) esclarece que o Autor “não diz nada sobre Cristo aspergindo o sangue no âmbito celestial, já que ele não quer falar da oferta celestial como algo diferente de sua morte na cruz; elas são uma e a mesma coisa”. Hebreus “liga a cruz e a exaltação de Cristo como elementos de um único roteiro sacrificial e como estágios sucessivos em um ‘único sacrifício’ (10:12) e uma ‘oferta única’ (v. 14, ver v. 10) feita ‘uma vez para todos’” (NELSON, 2003, p. 255). Barrett (1956, p. 389) chama ambos, a morte e a *ascensão de Cristo*, de “ato escatológico decisivo”.

Hebreus descreve dois atos inseparáveis: o sacrifício no altar (feito no átrio), e a ação ritual com o sangue no santuário. São dois momentos inseparáveis, pois “o sacrifício sem ação ritual subsequente é um simples abate de um animal; o acesso ao santuário sem preparação ritual é uma profanação” (CERVERA I VALLIS, 2009, p. 493), “uma coisa leva à outra, e os dois são [...] mutuamente qualificados” (CERVERA I VALLIS, 2009, p. 485).

Sem a ressurreição de Jesus, seu sacrifício seria “um simples sacrifício pessoal sem capacidade de redenção: é a ressurreição e, mais apropriadamente, Sua presença ‘sacerdotal’ e mediadora no céu, diante de Deus, que transforma a sua morte em expiação pelo pecado” (CERVERA I VALLIS, 2009, p. 493).

Outro ponto que merece uma reflexão mais aprofundada é a frequente utilização do Dia da Expição como pano de fundo de Hebreus nos dois modelos. Entre os acadêmicos, tornou-se comum retratar Jesus como o sumo sacerdote *do ritual do Dia da Expição* em Hebreus.<sup>34</sup> No entanto, há vários pontos falhos nessa leitura.

Hebreus não está expondo o significado teológico do Dia da Expição, e isso pode ser inferido, por exemplo, do fato de Hebreus não citar o desterro do bode emissário (ou Azazel), um dos pontos centrais do

.....

<sup>34</sup> Nesse sentido, conferir a bibliografia usada por Daniel Stökl Ben Ezra.(2003. p. 180-197).

ritual do *Yom Kippur*, com caráter expiatório: “[...] para fazer expiação por meio dele e enviá-lo ao deserto como bode emissário” (Lv 16:10). Os estudiosos têm tido dificuldade em demonstrar alusões à tipologia dos bodes do Dia da Expição em Hebreus (ORLOV, 2016, p. 65).

Stökl Ben Ezra (2003, p. 193) justifica tais pontos falhos sugerindo que “apesar do uso extensivo da tipologia do *Yom Kippur* em Hebreus, é claro que seu autor não pretendia fornecer uma tipologia completa do *Yom Kippur*”. Para Cortez, isso pode se dever ao fato de Hebreus concentrar-se principalmente “no ritual de sangue do Dia da Expição e não em toda a festa” (CORTEZ, 2006, p. 528). Lindars (2003, p. 92) também observa que “Hebreus é extremamente seletivo em seu uso dos regulamentos do Dia da Expição, usando apenas os itens essenciais”.

Aqui é necessária uma reflexão: será que não há uma supervalorização acadêmica do Dia da Expição como chave tipológica para entender Hebreus? O título “sumo-sacerdote” (MALHEIROS, 2017c) e as menções ao “Lugar Santíssimo” (MALHEIROS, 2017b) parecem não ter relação exclusiva com o Dia da Expição em Hebreus, e essas interpretações dependem muito da tradução duvidosa de *tá hágia* como “Lugar Santíssimo”. A pressuposição de que Hebreus está quase sempre pensando em Dia da Expição, por vezes, impõe um nível de detalhamento dos rituais aludidos que o Autor talvez não tenha intencionado, e cria problemas e inconsistências artificiais.

Se, nos *Modelos 1 e 2*, o santuário está *no céu*,<sup>35</sup> não é preciso apelar para o Dia da Expição para dar importantes significados à ascensão ao santuário celestial, visto que quase todo o ofício sacerdotal levítico relacionado à expiação ocorria dentro do santuário, inclusive a atividade diária fora do Dia da Expição. A insistência na tipologia do Dia da Expição só faria sentido se o modelo de um santuário cosmológico (MALHEIROS, 2017a, p. 51-56) (o céu *como* santuário) fosse adotado.

.....  
<sup>35</sup> Os principais argumentos utilizados pelos Modelos 1 e 2 estão expandidos em MALHEIROS, Isaac. Hebreus e o santuário *no céu*. *Vox Scripturae* — Revista Teológica Internacional. São Bento do Sul, vol. 25, n. 1, jan-abr 2017 (2017a), p. 49-71. Disponível em: < <https://bit.ly/2simGR4> >. Acesso em 08 jan. 2018; e MALHEIROS, Isaac. As raízes conceituais de Hebreus e a metodologia de pesquisa. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. São Leopoldo: EST, v. 3, 2016. p. 272-279. Disponível em: < <https://bit.ly/2rNsrWu> >. Acesso em 08 jan 2018.

O Dia da Expição sozinho não explica por que Hebreus descreve as duas partes do tabernáculo em 9:2-5 antes de descrever o ritual que ocorria no Lugar Santo e no Santíssimo em 9:6-7 (MOORE, 2015, p. 184). Além disso, permanece aberta a questão da ausência do bode emissário (ou Azazel, Lv 16:10, 20-22) em Hebreus. Por meio dele também se fazia *expição*, mas sem aplicação de sangue: “Mas o bode sobre que cair a sorte para bode emissário será apresentado vivo perante o SENHOR, para fazer expiação [*exilásasthai*] por meio dele e enviá-lo ao deserto como bode emissário” (Lv 16:10). Esse tema não tem sido suficientemente abordado ainda entre os proponentes dos *Modelos 1 e 2*.

Há, portanto, um notável problema com o tradicional entendimento do Dia da Expição em Hebreus como um tipo exclusivo da crucificação de Cristo e sua subsequente entrada no santuário celestial, e com a sugestão de que o Dia da Expição antitípico começou com a ascensão de Cristo. No entanto, as inconsistências diminuem consideravelmente quando entendemos que Hebreus integra aspectos de vários outros rituais e cerimônias em sua narrativa da ação expiatória de Jesus. Ou seja, o leitor de Hebreus não deve ver exclusivamente alusões ao Dia da Expição e nem exclusivamente alusões a qualquer outro cerimonial, mas uma *combinação* deliberada de várias imagens do ritual levítico (MOORE, 2015, p. 186).

Portanto, o Dia da Expição não está excluído do rol de prováveis tipos utilizados por Hebreus, e é possível até mesmo que o Dia da Expição seja a principal moldura tipológica de Hebreus. O fato, no entanto, é que existem opções, e o exegeta está justificado ao optar sempre pela melhor alternativa, desde que *argumente* em defesa dessa escolha. Aparentemente, a maioria dos comentaristas opta pelo Dia da Expição apenas assumindo que seja a melhor escolha, o que parece ser uma opção pelo peso da tradição em vez de uma escolha exegeticamente justificada.

Finalmente, é útil destacar que boa parte do debate esbarra em definições imprecisas de termos e no uso descuidado de palavras, além de todos os problemas relativos à teologia. Quando os autores falam de Cristo oferecendo-se como um sacrifício pelos pecados, a que estão se referindo? À cruz? À apresentação do sangue no santuário celestial? Ou a ambos? A discussão torna-se uma questão de semântica quando os pesquisadores não deixam claro o que entendem (e o que querem dizer) por “expição”, “propiciação”, “perdão”, “redenção”, “justificação”, “purificação”, “reconciliação”, “salvação”, e outros termos.

Os proponentes dos modelos de expiação celestial frequentemente têm que lidar com acusações de estarem diminuído a suficiência da obra de Cristo na cruz, ou de estarem apresentando uma *outra obra expiatória* suplementar à cruz. No entanto, uma leitura atenta da exposição dos *Modelos 1 e 2* revela que os autores repetidamente esclarecem que não se trata disso: a cruz continua sendo um sacrifício essencial e suficiente, e a aplicação do sangue no santuário celestial é a culminação de uma única obra de expiação (especialmente no *Modelo 1*). Geralmente, essas críticas surgem por causa do uso de terminologias imprecisas relacionadas à expiação.

Além disso, não há precisão no uso de termos complementares, como “preparatório”, “único”, “completo”, “apenas”, “somente” — como na afirmação de que a cruz é *apenas* a preparação sacrificial. O recente (re)surgimento da discussão sobre o conceito de expiação em Hebreus aparentemente pulou as etapas iniciais de definição de termos e de uma tentativa de entendimento consensual mínimo no uso de palavras técnicas. Assim, o debate muitas vezes perde o sentido, sendo possível dois autores que defendem essencialmente a mesma visão discordarem apenas porque um utiliza uma palavra num sentido diferente do outro.<sup>36</sup>

98

## Referências

---

BARNARD, J. A. **The Mysticism of Hebrews**: exploring the role of Jewish apocalyptic mysticism in the epistle to the hebrews. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.

BARKLEY, G. W. (trad.). **Homilies on Leviticus: 1-16**. Washington: The Catholic University of America Press, 1990. (The Fathers of the Church).

BARRETT, CH. K. The Eschatology of the Epistle to the Hebrews. In: DAVIES, W. D.; DAUBE, D. (Eds.). **The Background of the New Testament and its Eschatology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1956.

.....

<sup>36</sup> Como, aparentemente, ocorre com o debate entre Moffitt e Kibbe, que são classificados por Jamieson como representantes de uma mesma categoria conceitual — Posição 5 (JAMIESON, 2017, p. 354).



BROOKS, W. E. The Perpetuity of Christ's Sacrifice in the Epistle to the Hebrews. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta, v. 89, n. 2, p. 205-214, 1970. Disponível em: <<https://bit.ly/2k925dH>>. Acesso em: 09 jan. 2018.

CALAWAY, J. C. **The Sabbath and the Sanctuary**: access to God in the letter to the hebrews and its priestly context. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.

CERVERA I VALLIS, J. Jesús, Gran Sacerdot i Víctima en Hebreus: Una Teologia Judeocristiana de la Mediació i de l'Expiació. **Revista Catalana de Teologia**, v. 34, n. 2, p. 477-502, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2L7qSuJ>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CHESTER, A. N. Hebrews: the final sacrifice. In: SYKES, S. W. (Ed.). **Sacrifice and Redemption**: Durham essays in Theology. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CODY, A. **Heavenly Sanctuary and Liturgy in the Epistle to the Hebrews**: The Achievement of Salvation in the Epistle's Perspectives. St. Meinrad: Grail, 1960.

99

CORTEZ, F. H. From the Holy to the Most Holy Place: The Period of Hebrews 9:6-10 and the Day of Atonement as a Metaphor of Transition. **Journal of Biblical Literature**. Atlanta, v. 125, n. 3, p. 527-547, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2k2BleC>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CORTEZ, F. H. **The anchor of the soul that enters within the veil**: the ascension of the "Son" in the letter to the Hebrews. Tese (Doutorado em Religião sobre Novo Testamento). Berrien Springs: Andrews University, 2008. p. 317-322. Disponível em: <<https://bit.ly/2HfSeoL>>. Acesso em: 23 de jul. 2017.

DAVIES, John H. The Heavenly Work of Christ in Hebrews. **Studia Evangelica**, v. 4, p. 384-389, 1968.

DELITZSCH, F. **Commentary on the epistle to the Hebrews**. Edinburgh: T&T Clark, 1887.

DESILVA, D. A. **Perseverance in gratitude**: a socio-rhetorical commentary on the epistle to "the Hebrews". Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

DESILVA, D. A. The invention and argumentative function of priestly discourse in the epistle to the Hebrews, **Bulletin for Biblical Research**, v. 16, n. 2, p. 295-323, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2ItGV4c>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

ESKOLA, T. **A narrative theology of the New Testament: exploring the metanarrative of exile and restoration**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015.

GÄBEL, G. **Die kulttheologie des hebraerbriefes: eine exegetisch-religionsgeschichtliche studie**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2006.

GUTHRIE, G. H. **Hebrews: del texto bíblico a una aplicación contemporânea**. Miami: Vida, 2014. (Comentario bíblico com aplicación NVI).

GUTHRIE, G. H. Hebrews. In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Eds.). **Commentary on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

100 GUTHRIE, G. H. **The Structure of Hebrews: a text-linguistic analysis**. Leiden: Brill, 1994.

HABER, S. From priestly torah to Christ cultus: the re-vision of covenant and cult in hebrews. **Journal for the Study of the New Testament**, v. 28, n. 1, p. 105-124, 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2IQHeK8>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

HILL, R. C. (trad.). **Theodoret of Cyrus: commentaries on the letters of St. Paul**. Brookline: Holy Cross Orthodox Press, 2001. v. 2.

JAMIESON, R. B. When and where did Jesus offer himself? A taxonomy of recent scholarship on Hebrews. **Currents in Biblical Research**, v. 15, n. 3, p. 338-368, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2KIRM0t>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

JOHNSON, L. T. **Hebrews: a commentary**. Louisville: Westminster John Knox, 2006. (The New Testament Library).

KIBBE, M. Is it finished? When did it start? Hebrews, priesthood, and atonement in biblical, systematic, and historical perspective. **The Journal of Theological Studies**, v. 65, n. 1, p. 25-61, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2rH4xLD>>. Acesso em: 27 dez. 2017.



KOESTER, C. R. **Hebrews: a new translation with introduction and commentary**. New York: Doubleday, 2001. (The Anchor Yale Bible Commentaries).

LINDARS, B. **The theology of the Letter to the Hebrews**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (New Testament Theology).

MACKIE, S. D. **Eschatology and Exhortation in the Epistle to the Hebrews**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.

MACKIE, S. D. Heavenly sanctuary mysticism in the epistle to the Hebrews. **The Journal of Theological Studies**, v. 62, n. 1, p.77-117, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2KwauTo>>. Acesso em 17 dez. 2017.

MALHEIROS, I. As raízes conceituais de Hebreus e a metodologia de pesquisa. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo, v. 3, p. 272-279, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2rNsrWu>>. Acesso em: 08 jan 2018.

MALHEIROS, I. Hebreus e o santuário *no* céu. **Vox Scripturae - Revista Teológica Internacional**. São Bento do Sul, v. 25, n. 1, p. 49-71, 2017a. Disponível em: <<https://bit.ly/2simGR4>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

101

MALHEIROS, I. Os lugares de atuação sacerdotal e as alusões ao dia da expiação em hebreus. **Revista Caminhando**, v. 22, n. 2, p. 165-175, 2017b. Disponível em: <<https://bit.ly/2rPfo6t>>. Acesso em 08 jan. 2018.

MALHEIROS, I. Os títulos sacerdotais e as alusões ao dia da expiação em hebreus. **Revista Caminhando**, v. 22, n. 1, p. 133-148, 2017c. Disponível em: <<https://bit.ly/2IpT9z4>>. Acesso em: 28 dez 2017.

MASON, E. F. **You Are a Priest Forever: second temple Jewish messianic and the priestly Christology of the epistle to the Hebrews**. Leiden: Brill Academic Publication, 2008.

MASON, E. Sit at my right hand: enthronement and the heavenly sanctuary in Hebrews. In: MASON, E. F.; BAUTCH, K. C.; HARKINS, A. K.; MACHIELA, D. A. (Eds.). **A Teacher for All Generations: essays in honor of James C. VanderKam**. Leiden: Brill, 2012.

MICHEL, O. **Der Brief an die Hebraer**. Güttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1966.

MILLIGAN, W. **The Resurrection of our Lord**. New York: Macmillan, 1917.

MILLIGAN, G. **The Theology of the Epistle to the Hebrews**: with a critical introduction. Edinburgh: T & T Clark, 1899.

MINGANA, Alphonse (Ed.). **Commentary of Theodore of Mopsuestia on the Lord's Prayer and on the Sacraments of Baptism and Eucharist**. Cambridge: Heffer & Sons, 1933.

MOFFITT, D. M. **Atonement and the Logic of Resurrection in the Epistle to the Hebrews**. Leiden: Brill, 2011.

MOFFITT, D. M. Jesus' heavenly sacrifice in early christian reception of Hebrews: a survey. **The Journal of Theological Studies**, v. 68, n. 1, p. 46-71, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2jWu6VH>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

102 MOFFITT, D. M. Serving in Heaven's Temple: Sacred Space, Yom Kippur, and Jesus' Superior Offering in Hebrews. In: ANNUAL MEETING OF THE SOCIETY OF BIBLICAL LITERATURE, 2012, Chicago. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Universität Basel, 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2Lax1pV>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

MOFFITT, D. M. The role of Jesus' resurrection in the epistle to the Hebrews, once again: a brief response to Jean-René Moret. **New Testament Studies**, v. 62, n. 2, p. 308-314, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2Lay4pR>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

MOORE, N. J. **Repetition in Hebrews**: plurality and singularity in the letter to the Hebrews, its ancient context, and the early church. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015.

MORET, J. R. Le rôle du concept de purification dans l'Épître aux Hébreux: une réaction à quelques propositions de David M. Moffitt. **New Testament Studies**, v. 62, n. 2, p. 289-307, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2k9xTPD>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

NELSON, R. D. He offered himself: sacrifice in Hebrews. **Interpretation**, v. 57, n. 3, p. 251-265, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2GqSK9M>>. Acesso em: 18 de nov. 2017.

ORLOV, A. A. **The Atoning Dyad**: the two goats of Yom Kippur in the apocalypse of Abraham. Leiden: Brill, 2016.



ORTLUND, G. The voice of his blood: Christ's intercession in the thought of Stephen Charnock. **Themelios**, v. 38, n. 3, p. 375-389, 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2IQ830W>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

PURSIFUL, D. J. **The Cultic Motif in the Spirituality of the Book of Hebrews**. Lewiston: Edwin Mellen, 1993.

RIBBENS, Benjamin J. **Levitical sacrifice and heavenly cult in Hebrews**. Tese (Doutorado em Teologia) - Wheaton: Wheaton College, 2013. 145f. Disponível em: <<https://bit.ly/2t0qAO9>>. Acesso em: 12 jul. 2015

STÖKL BEN EZRA, D. **The Impact of Yom Kippur on Early Christianity: the day of atonement from second temple judaism to the fifth century**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2003.

VIS, J. M. **The Purification Offering of Leviticus and the Sacrificial Offering of Jesus**. Tese (Doutorado em Teologia). Durham: Duke University, 2012. 258f. Disponível em: <<https://bit.ly/2rMhDbu>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

103

WILLIAMSON, R. **Philo and the Epistle to the Hebrews**. Leiden: Brill, 1970.

WILLI-PLEIN, I. Some remarks on Hebrews from the viewpoint of Old Testament exegesis. In: GELARDINI, G. (Ed.). **Hebrews: contemporary methods - new insights**. Leiden: Brill, 2005.